

PREFÁCIO REVISTA OLHARES 2022

O silêncio é o último gesto extraterreno do artista: através do silêncio ele se liberta do cativo servil face ao mundo, que aparece como patrão, cliente, consumidor, oponente, árbitro e desvirtuador de sua obra.

Susan Sontag¹

A Revista Olhares nesta edição de 2022, paradoxalmente, propôs pensar, agir e vivenciar o “silêncio” nas textualidades aqui contempladas. No gesto de trazer sensações textuais outras para o campo da educação, com suas implicações extremamente ruidosas e cheias de telas que urgem estridentes em comunicações incomunicáveis, parecem abrir uma série de questionamentos. Que textos estamos construindo diante o assombro turbulento de vozes que açoitam nossas experiências reflexivas/contemplativas? Como reterritorializar nossos territórios cognitivos nesses embaraços de trilhas e trilhos *big tecnológicos*? Um livro será sempre livro? Produzimos artigos, ideias, valores, vontades para quem?

Na história da arte, da filosofia e das ciências de modo geral temos exemplos bem pontuais acerca de personalidades que optaram pelo silêncio como uma espécie de maquinaria de forças e intensidades, como ação de superação do que nos é forçosamente aniquilante. Com isto, podemos indagar se, de fato, estamos produzindo falas e vozes potentes em nossas composições discursivas, ou, se estamos criando silêncios possíveis ao percorrer os universos da escrita como quem caminha por uma *fita de moebius*?

O poeta Arthur Rimbaud deixou de escrever para contrabandear armas de fogo na Abissínia africana; Nietzsche enlouqueceu em sua própria *Vontade de Potência*, para, em seguida, calar-se. Maria Callas infartou sua voz solitariamente em seu apartamento em Paris. Samuel Beckett rasurou sua dramaturgia ao extremo do compreensível, ao criar uma visualidade para o vazio e os seus silêncios.

¹ SONTAG, Susan. A vontade radical. São Paulo: Companhia de Bolso, 2015.

São inúmeros os exemplos, mas o silêncio diz muito, talvez mais até que todas as gramaticalidades possíveis. É o que a estadunidense Susan Sontag vai afirmar ao dizer que o silêncio é estético:

Algumas vezes, a acusação não é dirigida a toda a linguagem, mas apenas à palavra escrita. Assim, Tristan Tzara exortava a queima de todos os livros e bibliotecas para trazer à luz uma nova era de lendas orais. E McLuhan, como todos sabem, faz distinção mais aguda entre linguagem escrita (que existe no “espaço visual”) e discurso oral (que existe no “espaço auditivo”), louvando as vantagens psíquicas e culturais do último como base para a sensibilidade. (SONTAG, 2015, p. 12)

Há uma paisagem no silêncio, como também há uma série de ruínas caladas nos cantos do mundo, edifícios desmoronando, bombardeados, amparados em estacas. Por outro lado e, dos outros lados, edificações brotam a todo e qualquer instante e em todos os lugares do conhecimento. O silêncio aqui não é compreendido como força binária, oposta ao ruído explosivo da modernidade e de suas contemporaneidades. Não, o silêncio é composição de orquestra visceral. No silêncio de nossas escrituras desenhamos conscientes e inconscientemente agenciamentos, pontes e teias de pensamentos parentais que, visivelmente, nos dão os próximos passos.

Os autores desta edição, portanto, caminham silenciosamente em escrituras visuais e virtuais, redesenham palavras, capturam os gritos e os sussurros da razão estrutural, movem-se nos variados modos de ver e ouvir as imagens dos saberes que ainda se pronunciarão nos atos das trajetórias do pensamento, da educação e da existência acadêmica.

Eduardo Reis Silva